

CORVO OU BORBOLETA

Professor Doutor. Odiombar Rodrigues (ULBRA)

A literatura do Rio Grande do Sul, por diversas razões, tem curso diferenciado do restante do Brasil e apresenta uma iniciação que corresponde ao momento de maior valorização da imagem do gaúcho como herói. É no calor das discussões sobre a Revolução Farroupilha (1835-1845) que se molda a representação do homem gaúcho e são intensificados os mitos do “centauro dos pampas” e “monarca das coxilhas.”

Antes deste evento histórico, a literatura gaúcha é pontilhada de textos esparsos, especialmente pequenos poemas, trovas e canções, nos quais está presente o herói lendário. A Revolução Farroupilha foi o foco irradiador da dimensão histórica e heróica do gaúcho, podendo ser considerada como superação da primeira fase, dominada pela literatura oral¹. A glorificação do farrapo pela bravura é uma forma ideológica de justificar o abandono a que a massa de combatentes foi relegada.

A cultura gaúcha é complexa e repleta de embustes ideológicos que encobrem a verdadeira identidade do homem dos pampas, em alguns casos, tem sido instrumento de divulgação de uma imagem distorcida do gaúcho, ao propagar a sua pretensa liberdade, seu espírito de aventura e seu modo gaudério de subsistir. Antes de tudo, esta visão é uma forma velada de esconder a miséria, o abandono e a discriminação que o peão vive dentro da sociedade do Rio Grande do Sul, que, por diversas razões, não pertence ao grupo valorizado que preenche os requisitos de classificação como “centauro dos pampas”. Desvelar essa fantasia e recolocar a verdade é tarefa fundamental para a reconstrução da sociedade, em busca de um mundo mais humano e civilizado.

Diante deste quadro de miséria e abandono de um lado e de propaganda ideológica de outro, a literatura preenche o espaço com a criação de imagens moldadas ora nos anseios da classe dirigente para manter o poder e restabelecer a dignidade do gaúcho que, por uma razão ou outra, estava estremecida com o Tratado de Ponche Verde², ora na postura de revisão da história a fim de restabelecer as verdades, muitas vezes, ocultas ou silenciadas pela voz do poder.

O presente trabalho é parte de uma pesquisa em desenvolvimento que desvenda a evolução da representação do gaúcho na literatura sul-rio-grandense e tem por objetivo fazer um percurso pelas origens da prosa na Literatura Gaúcha, detectando os fatores iniciais determinantes da formação da imagem de gaúcho como figura lendária e, observando o desenvolvimento desta representação e registrando seus aspectos de permanência e transformação através dos tempos. Para o presente texto foi efetuado um corte na pesquisa e centrado o foco de atenção em dois textos literários.

A Revolução Farroupilha está presente em muitas obras literárias, do séc XIX até a contemporaneidade. Para nosso propósito, agrupamos estes textos em dois grandes blocos: os que podem ser considerados registros históricos e os que fazem parte de uma tendência de revisão histórica na contemporaneidade. No primeiro grupo podemos incluir: *O corsário* (1851) de Caldre e Fião; *O gaúcho* (1870) de José de Alencar; *O vaqueano* (1872) de Apolinário Porto Alegre e *Os farrapos* (1877) de Oliveira Belo, bem como alguns contos de João Simões Lopes Neto. No segundo grupo, entre outras, é importante mencionar: *A*

prole do corvo (1978) de Assis Brasil, *Os varões assinalados* (1985) de Tabajara Ruas e *Casa das sete mulheres* (2003) de Leticia Wierchowzki.

Para o propósito deste trabalho vamos nos centrar em dois textos: *Os farrapos* e *A prole do corvo*. Esta escolha tem razão em função do primeiro texto ser um testemunho de época do evento e o texto de Assis Brasil permitir uma visão contemporânea do conflito, trazendo muitas indagações até então não levadas ao domínio público.

O estudo da imagem masculina deverá ser observado em dois períodos importantes da história literária gaúcha. *Os Farrapos* (1877), de Oliveira Belo está situado em pleno período do romantismo e como diz o autor: (...) *vivem ainda atores da tragédia, inflexos pela velhice, mas com o rescaldo dos antigos entusiasmos não de todo o ponto apagado talvez*. (BELO, p. 26). O outro texto, *A prole do corvo* (1978), de Luiz Antônio de Assis Brasil, é um texto contemporâneo e comprometido com a tendência de revisão da história. Entre os dois romances, e após eles, a figura masculina adquiriu muitos matizes diferentes. Por outro lado, este estudo mantém como perspectiva teórica os estudos de gênero, visando revelar as diversas formas de representação masculina, aqui centradas na imagem do herói guerreiro farrapo, observado em três dimensões: raça, classe e sexo.

Em função desses aspectos críticos sobre a cultura gaúcha que, muitas vezes, são silenciados pela crítica, é que optamos pelos estudos de gênero como embasamento teórico, pois, além de ser uma perspectiva pouco usual para a abordagem da obra de escritores gaúchos, os estudos de gênero permitem um diálogo com outras teorias que contribuem para a argumentação das teses apresentadas.

Os estudos de gênero, por sua própria natureza, são diversificados e complexos abrangendo, muitas vezes, diversos campos de conhecimento. Neste sentido, tais objetos de estudo podem não coincidir com pressupostos tradicionais da crítica. A construção do 'corpus' de estudo implica de imediato a revisão de conceitos sob diversos enfoques teóricos. No caso, o estudo tem como corpus obras de estéticas distintas e de momentos históricos separados por um século. Para o nosso propósito, isto se torna importante porque permite revisar os conceitos e examinar a imagem de gaúcho em tempos distanciados, permitindo uma melhor avaliação dos elementos de permanência e de alteração.

Por outro lado, a neutralidade científica, em muitos momentos, torna-se comprometida, pois o conhecimento que se constrói é algo que está vinculado a um valor social. A objetividade e a neutralidade não se podem tornar camisas de força que impeçam um olhar mais crítico e desafiador sobre a cultura gaúcha. A estreita relação que se estabelece entre grupos marginalizados e as lutas sociais, em geral, faz com que a tarefa de construção de um mundo novo, mais humano e fraterno, deva passar pela união de posicionamentos, muitas vezes, distintos e pela construção e revisão de conceitos já tradicionais.

O conhecimento avança na proporção em que o interesse do pesquisador se materializa em pesquisa e revela o desconhecido com um olhar descomprometido com a ideologia dominante, porém repleto de consciência de seu papel social dentro da cultura. O conhecimento que advém da crítica literária deve ser repleto de questionamentos sobre o interesse que se relaciona com a ideologia. Os grupos dominantes mantêm representações que são capazes de justificar o seu poder e, assim, evitar cobranças das classes dominadas. Como um exemplo, podemos perceber que a apologia do gaúcho gaudério, andarilho e peleador é um estratagema bem criado pelos senhores proprietários rurais para disporem de

mão de obra barata na hora de defender o seu patrimônio e ao, mesmo tempo, sentirem-se liberados de qualquer compromisso social com o “soldado” após os momentos de guerra.

Algumas obras, mesmo canônicas, no sentido de sua vinculação com o mundo acadêmico e oficial da cultura rio-grandense, apresentam situações em que deixam a amostra um posicionamento crítico por parte do autor, que muito bem justifica um olhar questionador do estudioso ao estabelecer um diálogo com as demais ciências. Importante que a análise, dentro de uma metodologia apropriada, não se subordine a um fazer acadêmico reducionista que, em muitas situações, impede uma visão mais consciente e politizada das relações sociais. Os estudos de gênero, lutando dentro do próprio *logos* acadêmico, deve buscar as brechas que possibilitem a fuga ao já dito, ao já provado para construir o conhecimento junto com o sujeito-leitor num momento histórico definido.

A crítica literária, em geral, comprometida com um discurso centrado numa “cientificidade”, exclui de seus limites a possibilidade de uma leitura das ‘bordas do texto’ e, ao mesmo tempo, descuida de uma validade social e política para suas conclusões. *Em muitas situações, os estudos literários tornaram-se fechados às inovações e voltados para uma objetividade repetitiva com a intenção de manter a sua aura de pureza e neutralidade.* (SCHMIDT, 1994, p. 27)

Os estudos de gênero proporcionam uma abordagem mais ampla do que a mera revisão do papel masculino ou feminino na sociedade, permitindo uma visão crítica de relações sociais que as demais teorias não conseguem perceber. Essa postura teórica é mais abrangente porque analisa os papéis sociais que os indivíduos desempenham, homens ou mulheres, bem como as relações que se estabelecem entre eles e o poder instituído.

A presente pesquisa centra-se nesta questão social, examinando as relações que se estabelecem entre a criação das imagens míticas do gaúcho e a sua justificativa ideológica que reforça valores como liberdade, lealdade e bravura à custa da opressão política e do cerceamento da liberdade. Assim, o exame da imagem do gaúcho, nesta etapa do trabalho, restringe-se ao aspecto social de sua criação e permanência, ainda hoje, na sociedade gaúcha.

O ser humano está sempre limitado por interdições que o impedem de perceber tanto a realidade própria, como a alheia. Os limites que as relações sociais impõem ao indivíduo tornam-se, muitas vezes, intransponíveis devido à incapacidade de percebê-los. Em função dessas relações, podem-se apontar três grandes áreas de interdição: a política, a social e a pessoal. Cada uma tem sua função específica e, numa gradação crescente, tornam cada vez menor o espaço decisório para o sujeito que tem consciência de seu aprisionamento, mas não consegue enfrentar, de forma direta, os obstáculos presentes na opressão.

A questão da opressão pode ser bem percebida nos dois textos eleitos para análise. O episódio histórico é o mesmo – A Revolução Farroupilha, - mas a estética vigente em cada época leva a uma visão diferenciada sobre o tema da opressão. A distinção entre a estética romântica e a contemporânea é pouco produtiva para a percepção do tratamento dado à imagem masculina nos dois textos. Com linguagem diferente e com estrutura de texto diversa, os dois romances podem revelar nuances na imagem do gaúcho que ficariam imperceptíveis quando olhadas isoladamente.

A sociedade determina as funções que lhe interessam e, a partir de objetivos próprios, estabelece os modos de relação de seus participantes e as prioridades em relação ao sexo,

classe e raça. Os traços de contenção do indivíduo dentro da sociedade são diferenciados entre homens e mulheres, de acordo com as variantes da posição social que ocupam.

Nas relações do sujeito com o poder tornam-se imperiosos os limites que a sociedade lhe impõe, não lhe cabe espaço para contestação: ou se submete aos ditames do coletivo sobre a sua individualidade, ou está condenado a uma existência de sofrimentos e renúncias. Na luta para romper os obstáculos há sempre perdas, pois mesmo quando um processo sublimatório se instala, ele é uma forma compensatória de um desejo reprimido, ou a desilusão por uma existência de renúncias. Em muitas situações as pessoas não são capazes nem de lutar por algum ideal, por sentirem-se presas a limites impostos pela sociedade, ou pela própria representação assumida. De modo distinto a sociedade exerce o poder de repressão ou coação para exigir do indivíduo um posicionamento que lhe é alheio. Esta questão pode, muito bem, ser percebida pela forma como cada uma das personagens se encaixam na Revolução Farroupilha.

Para a representação do gaúcho há que se verificar as diversas formas de sua ocorrência. A figura do gaudério bravo, meio homem, meio animal é corporificada na forma mitológica do centauro. Este ser híbrido e mitológico se reatualiza na cultura gaúcha, pela dicotomia homem/soldado. Cada um dos textos em estudo tem as suas formas de resolver esta dualidade.

Em *Os farrapos* o conceito de exército é expresso pelas palavras de David Canabarro que reclama a Bento Gonçalves a falta de profissionalismo das tropas ao que acrescenta, descrevendo um exército: *Para que tivéssemos um verdadeiro exército, fora mister a disciplina, a obediência que lhe é substancial, a hierarquia mantida e respeitada por todos em toda a parte* (BELO, p. 76). Quando lemos este pronunciamento, imaginamos um exército como tal, porém não podemos esquecer que as tropas farroupilhas não passavam de pessoal recrutado à força, ou de escravos em busca da liberdade. Era exigir demais de uns pobres sujeitos que não tinham direito ao “status” de militar, um comportamento como tal.

Diante do fracasso dos ideais farroupilha, sepultados pelo Tratado de Ponche Verde, João Ramiro justifica a guerra com um discurso profético que encobre a derrota e espelha a ideologia reinante. Ao defender o que resta do movimento diz ele: *Resta muito, (...) a liberdade, a esperança e o futuro; a liberdade que não morre, a esperança que ressuscita e o futuro que pertence à justiça*. (BELO, p. 124).

A situação se inverte no texto de Assis Brasil, pois seu romance, comprometido com a proposta de revisão histórica, percorre os grandes temas ligados à imagem do gaúcho e redesenha o cenário da Revolução Farroupilha. Em *A prole do corvo* há uma forma metafórica de representação da dicotomia entre o homem e o soldado que se dá pela presença dos corvos e das borboletas. Os corvos são presenças constantes desde o título até o final e trazem consigo a carga negativa que esta ave representa. Em diversas passagens de tensão ou selvageria ela está presente confirmando o destino funesto do guerreiro. Por outro lado surge, em algumas passagens, a presença da borboleta.

Filhinho contempla as borboletas que Hermenegildo carrega e, ao final, pergunta porque o guerreiro não solta as borboletas, recebendo como resposta que não soltará as borboletas *pois vão deixar o mundo cheio de cores e as cores cegam os homens*. (ASSIS BRASIL, p. 71)

O fato do Filhinho, personagem principal no romance, ter matado um índio durante uma luta causa-lhe uma forte comoção e este fato é para ele motivo de muito sentimento de culpa. Numa das vezes em que ele rememora o momento em que matou o índio, o texto descreve: *Os corvos giram em largos círculos, às vezes sumindo-se numa nuvem mais baixa e cada vez surgem mais, como se de cada um nascessem outros dez* (ASSIS BRASIL, p. 97).

Em outras passagens a personagem se questiona sobre o significado da guerra e qual o papel do guerreiro. Em suas indagações não consegue justificativa até que, falando com João Inácio tem como resposta - *Não se entende a guerra, se briga nela* (ASSIS BRASIL, p. 122). Esta significação ele não consegue entender, pois na guerra não há motivação pessoal, toda a luta é fruto do desentendimento entre os chefes, cabendo ao soldado apenas a execução dos atos de guerra.

A imagem de “valente” e “peleador” fica desconstruída pela exposição da subordinação do soldado ao chefe. O sujeito se anula a tal ponto que não só não compreende as razões da guerra, como entra em contradição ao ter que lutar ora sob as ordens de um caudilho, ora sob as ordens de outro, alternando as posições políticas de acordo com os interesses dos comandantes, porque *“Revolução não existe! Existem mas é uns chefes e pronto, tira esses chefes e a revolução vai-se à gaita* (ASSIS BRASIL, p. 134).

Esta imagem de gaúcho lutador, “centauro dos pampas” é desconstruída aos poucos na obra e, ao final, depois de tantas lutas, Filhinho pergunta à Floriano: *O que é centauro?*” Após dar uma explicação mitológica, acrescenta: *Dizem que cada soldado republicano é um centauro*” Filhinho não consegue entender e Floriano arremata, afirmando que centauro é uma patacoada, ao que Filhinho repete conceituando centauro: *Uma patacoada* (ASSIS BRASIL, p. 146)

A hierarquia das imposições denuncia uma maior ou menor aproximação com o corpo da personagem. Assim, um determinado valor, como a honra, pode ser concebido como um primeiro grau de interdição, o que mais contém a personagem, enquanto um ideal político pode ser contestado, ou um papel social pode ser desfeito, transformado, ou mesmo assimilado no âmbito pessoal.

No mundo masculino, a virilidade é o atributo mais valorizado, definindo por si só a posição do sujeito na sociedade. O que distancia os indivíduos é a capacidade de estabelecimento de códigos diferentes, conforme o seu papel social e sua posição econômica. A repressão que se instala na sociedade é de fundo econômico e direcionada para a manutenção de privilégios e poderes que uma classe detém em detrimento de outra.

Esse processo repressivo tem sustentação na própria história política do Rio Grande do Sul. O passado de luta e resistência é campo fértil para a proliferação de teorias políticas autoritárias e repressoras. Dentre as correntes filosóficas do século passado, o positivismo tem um perfil que muito bem se adapta aos interesses da oligarquia rural gaúcha. Os preceitos de Augusto Comte (1798-1857) encontram respaldo na formação do Partido Republicano desde a década de setenta do século XIX. No Rio Grande do Sul, estes ideais se consagram a partir da convenção do PRR (Partido Republicano Rio-Grandense) em fevereiro de 1882.

São freqüentes as relações tecidas entre a filosofia de Augusto Comte e a formação política do Rio Grande do Sul. A sociedade rio-grandense forma-se sob a égide do

pensamento comtista através de Júlio de Castilhos (1860-1903) e do PRR (Partido Republicano Rio-Grandense). Para Nelson Boeira, a presença positivista entre nós pode ser compreendida em três níveis de presença na sociedade gaúcha (BOEIRA, 1980, p. 38):

a) o primeiro, positivismo político, corresponde ao período da propaganda republicana na qual o caráter de cientificidade é o mais importante. Toda a propaganda ideológica dá-se sob a influência do mito da ciência e da superioridade da razão. É um momento propício para as elites projetarem-se com ares de superioridade intelectual, como arautos do progresso e da ciência;

b) o segundo nível, o positivismo difuso que inicia após a morte de Júlio de Castilhos corresponde a um momento em que os valores morais são os mais apregoados. Junto com esta moralidade, apresentam-se sentimentos como obediência à ordem constituída e à valorização das relações entre a natureza e a vivência do gaúcho. Nesse momento, as idéias de Júlio de Castilhos são dominantes e impõem-se, mesmo quando divergem das de Comte. Diz-se que nesse período (1903-1915) o comtismo passa a vigorar sob o filtro das idéias castilhistas, é um comtismo à moda gaúcha;

c) como um terceiro nível, é apontado um positivismo religioso, que aqui no sul tem influência restrita, mas se faz sentir pelo seu caráter determinista, lutando pela distinção entre os planos terreno e espiritual. É este positivismo religioso que alimenta o anticlericalismo (BOEIRA, 1984), presente na sociedade gaúcha do início do século.

Nas palavras de Nelson Boeira, estes níveis são bem distintos e capazes de influenciar de forma decisiva na cultura do Rio Grande do Sul:

Procura-se então aproximar as fórmulas positivistas das ‘virtudes naturais do gaúcho’. No período da propaganda sublinhava-se a rebeldia dos rio-grandenses; agora valoriza-se seu respeito à hierarquia e sua disposição à obediência. Trata-se, então, de obter o assentimento a uma ordem legal e a uma distribuição de poder autoritárias e não mais, como antes, de atrair adeptos para propostas progressistas (BOEIRA, 1980, p. 36).

A influência do positivismo castilhista é importante até a revolução de 30, quando Getúlio Vargas assume o poder e encontra, a nível nacional, a derrocada dos ideais de Augusto Comte. Com certas ressalvas, pode-se afirmar que alguns ideais positivistas permanecem na sociedade gaúcha, mesmo depois deste período.

Os três níveis de atuação do positivismo no Rio Grande do Sul, propostos por Nelson Boeira, podem ser redimensionados, em termos de representação literária, em três tendências: heróica, repressiva e conservadora. Cada um deles corresponde a um espaço da produção literária, revelando os modos como cada autor percebe a formação da nossa cultura.

A heróica dá conta das questões históricas e das relações de poder que se estabelecem na sociedade, desvendando o campo de atuação do poder. A forma de engajamento no contingente farroupilha revela as visões que os textos apresentam sobre os métodos de aliciamento empregado pelos chefes revolucionários.

Em *Os farrapos*, Juca Silva é um jovem entusiasmado com a Revolução, convence seu primo Manduca a ir para a guerra que só não vai, também, porque é impedido pelo pai, pois é o único filho homem para defender a casa. Assim o texto expressa a forma livre de

engajamento dos jovens, e o respeito que o exército de Bento Gonçalves tem, pois permite que Manduca permaneça em casa por ser arrimo.

O texto literário justifica os comandantes militares, considerando-os respeitadores da propriedade alheia e da vontade do sujeito. A adesão à guerra é um ato voluntário que depende da consciência de Juca Silva ao perceber que seu dever é *largar a vida do campo para pelejar pela liberdade de nossa terra*. (BELO, p. 18)

Este modo de encarar a guerra, comprometendo-se voluntariamente com a luta transforma a personagem em autêntico herói, livre e peleador, bem de acordo com o momento político do positivismo no Rio Grande do Sul, como conceitua Boeira.

A tendência repressiva é o espaço das influências dos postulados patriarcais que governam a sociedade, evidenciando valores nem sempre coerentes com a liberdade que cada indivíduo deve ter para reger seus destinos. A personagem de Oliveira Belo assume a guerra como um ato voluntário, o que está também de acordo com os ideais da escola romântica, vigente na época da produção do romance.

A visão repressiva pode ser observada no romance de Assis Brasil. A representação do engajamento é totalmente diferente. Filhinho vai para a guerra porque o pai, Chicão, oferece-o para que Firmo, emissário de Bento Gonçalves não requisite mais cavalos mansos de sua fazenda. Assim, filhinho vai para a guerra por uma imposição do pai, pois ele nada sabia de luta e muito menos tinha interesse em ser soldado.

O texto revela também outra forma de negociata que os estancieiros praticavam. Em certas ocasiões quando não queriam ver seu patrimônio dilapidado pelos comandantes farrapos, ofereciam negros escravos em troca da desistência de alistar gente da fazenda. O texto de Assis Brasil promove uma autêntica revisão histórica ao contrapor a visão romântica do combatente com a crueldade das negociatas da guerra.

Por último, a tendência conservadora oferece campo para estudo da internalização dos códigos sociais que o sujeito procede, determinando um processo existencial opressivo. Podemos apontar o momento conservador como constituído, principalmente, pelos movimentos tradicionalistas, tendo apogeu com a formação do próprio Movimento Tradicionalista Gaúcho.

A chamada literatura gauchesca³ pode ser apontada como uma vertente ligada ao pensamento positivista que celebra a imagem do gaúcho como um herói mítico e reforça a visão épica da história do Rio Grande do Sul.

Cada uma dessas tendências pode ter formas distintas de representação na literatura, revelando as relações de poder que se estabelecem entre as classes dominantes e a sociedade, bem como as formas pelas quais a repressão é exercida. Por outro lado as forças conservadoras se rearticulam com a finalidade de manter o sistema de poder vigente no passado, criando assim estruturas sociais de preservação de usos e costumes que consideram consagrados por servirem de instrumentos para a preservação dos privilégios.

Em termos literários a história pode ser dividida de acordo com estas tendências e em consonância com a proposta vigente no positivismo difuso de Nelson Boeira. A Revolução Farroupilha foi um momento de intensa propaganda de valores como bravura, rebeldia e independência. O ciclo temático farrapo agrega em torno de si um conjunto de obras literárias que valorizam estes princípios e, também, difundem uma imagem do gaúcho plena de heroísmos.

O texto de Oliveira Belo tem fortes traços do romantismo, escola em voga na época, o que determina o enquadramento da personagem principal, dentro do quadro de herói romântico. Importante observar que, ao lado da descrição de atos de heroísmo como na passagem abaixo, surgem descrições de medo, o que contradiz a figura mítica do gaúcho. No primeiro capítulo, ao descrever o gaúcho⁴ o autor expressa:

O gaúcho é soberano assim como o condor: impera nas regiões da campanha, sobre esse mundo altaneiro, forte, bravoso, (...) É rei por direito de conquista, de um lidar constante e de um vencer a cada momento... (...) O monarca das coxilhas é qual o grifo da fábula: inteligência aguda e larga, como o instinto da água; a força ágil e robusta, como os músculos do leão. (BELO, p. 15)

Esta imagem do gaúcho, no geral, contrasta com o diálogo que vem logo a seguir, no qual Manduca e Juca Silva discutem sobre a verdadeira visão sobre os Farrapos. Após alternarem argumentos a favor e contra os Farrapos, ambos decidem ir para a guerra, principalmente sob o argumento de que:

Os farrapos não são ladrões nem malfeitores, são soldados da liberdade, que defendem esta terra que os caramurus querem amarrar à forquilha, como qualquer tourito que se amansa para o boi de carro... (...) (BELO, 1985, p. 19)

Por estes descampados, na solidão, o gaúcho praticava a justiça pelas próprias mãos, pois não havia jurisdição legal por perto. Na verdade a justiça era decorrente da consciência de coletivo, pois: “*O criminoso é o inimigo de todos e de cada um, puni-lo é o direito e o dever de cada um e de todos.*” (BELO, 1985, p. 43)

O estado de direito, regido pela lei e pela ordem tem lacunas plenamente justificáveis, no momento em que o poder centralizador e positivista ainda não se havia estabelecido. Este desvôo da ordem jurídica pode ser apreciado no momento em que se compara o contrabandista com o salteador.

O contrabandista limava os grilhões, que o arrochavam, e ensaiava no grito da liberdade do lucro comercial o verbo da liberdade nacional, ele foi o precursor desconhecido da independência no novo mundo, o conspirador de uma grande causa.

Não se confundia com o salteador que depreda a propriedade alheia na encruzilhada remota, sua rebeldia era só contra o regime asfixiante, que impunha o preço leonino ao trabalho de suas vítimas. (BELO, 1985, p. 45)

Em pleno século XIX o padrão ético defendido no texto impõe limites aos atos de guerra. A luta tem seus limites definidos para que a violência não se sobreponha e, assim, a razão deixe de existir.

(...) a guerra absolve a violência que lhe é inerente, anistia mesmo a emboscada que um recurso de estratégia, mas além de justos limites, o

morticínio degenera em assassinato e o arдил em vilania, é preciso não infamar a rebelião com o saque, com a perfídia e com a crueldade (...) (BELO, 1985, p. 50)

Ser forte, valente, peleador são atributos que não conseguem preencher todo o campo de satisfações do sujeito, pois Chico Fernandes, ao ter em mãos a carta que trará notícias à sua filha, exclama contra o fato de ser analfabeto: (...) *por que é que todos não aprenderam a ler, quando são pequenos, como aprendem a falar?* (BELO, 1985, p. 57).

Os resultados obtidos pela pesquisa ainda são iniciais, pois o corpus abrangeu apenas duas obras dum universo muito amplo. Ao continuar o processo investigatório, é certo que alguns resultados podem ser modificados, bem como novas descobertas podem ser concluídas em termos de descrição da imagem do gaúcho. No caso específico desta fase da pesquisa, ao tratar da imagem de “soldado peleador”, pode-se concluir que em muitos momentos a literatura contradiz o folclore circulante em termos de identidade do gaúcho.

Os meios tradicionalistas alçam a figura do “centauro” como construída apenas numa posição mitológica, porém a literatura revela um ser angustiado e repleto de contradições. É importante que as pesquisas revelem a imagem do gaúcho o mais próxima possível do contexto social, desconstruindo mitos e falsificações que apenas reforçam a ideologia e em nada contribuem para uma consciência plena da história e da trajetória do homem do pampa.

NOTAS:

¹ Guilhermino César (1971, p. 18) considera a publicação de *Poesia* de Delfina Benigna da Cunha como o fim do primeiro período da Literatura Gaúcha.

² Tratado de Ponche Verde em 01/03/1845.

³ Distingue-se literatura gaúcha de literatura gauchesca.

⁴ O texto estabelece distinção entre gaúcho e vaqueano. O gaúcho é o herói, enquanto que vaqueano é o sujeito perito nos caminhos, espécie de guia.

REFERÊNCIAS

- ASSIS BRASIL, Luiz Antônio de. *A prole do corvo* 3ª ed. Porto Alegre: Movimento, 1982.
- BELLO, Luiz Alves Leite de Oliveira. *Os farrapos*. Porto Alegre: Movimento, 1985.
- BOEIRA, Nelson. *O Rio Grande de Augusto Comte*. In: DACANAL, José Hildebrando e GONZAGA, Sergius (orgs.) *RS: Cultura & ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.
- SCHMITD, Rita *Da ginolatria à genologia*. In: FUNCK, Susana Bornéo (org) *Trocando idéias sobre a mulher e a literatura*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1994.